



XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã

de 08 a 10 de outubro 2025
Universidade Federal do Tocantins

OS ESTEREÓTIPOS E A CONSTRUÇÃO DAS MASCULINIDADES NA IMPRENSA GAY LATINO-AMERICANA: UM ESTUDO DE 1970 A 1980¹

Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior
Universidade Federal de Lavras (UFLA)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo demonstrar como os movimentos homossexuais latino-americanos das décadas de 1970 e 1980 apresentaram suas ideias de masculinidades e como este elemento se tornou essencial para a construção de uma nova identidade gay ligadas ao corpo e ao discurso político. Trata-se de trecho da tese de doutorado “Imprensa gay latino-americana: os estereótipos e construções de outras masculinidades entre 1960 e 1980”, tendo como metodologia a análise de conteúdo, baseada no pensamento de Bardin (2016). Como resultados foi possível identificar que os estereótipos homossexual, mulheres, homens, gay, lesbianas, bicha e travesti foram os que tiveram maior frequência entre os conteúdos analisados.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa gay; Imprensa Gay Latino-americana; Jornalismo; Movimento Homossexual; Jornalismo Alternativo

1 INTRODUÇÃO

A imprensa gay latino-americana foi um fenômeno que ocorreu em todo o continente a partir da década de 1960, se tornando mais organizada politicamente entre as décadas de 1970 e 1980. Marcada por diversos regimes de exceção, promovidos pela Operação Condor, mesmo enfrentando diversas dificuldades e repressões físicas, os movimentos LGBTQIAPN+ (a época autointitulado como Movimento Homossexual) foram capazes de denunciar sua situação de precariedade social, perseguição e agir para a construção de uma nova identidade, até então não publicizada na esfera pública.

Longe da feminilidade que marcou parte das identificações iniciais sobre a imagem homossexual, esses homens vão lutar por seu direito de serem vistos enquanto seres humanos, sem renegar sua masculinidade, mas também distante de performar aquilo que era o hegemônico. De acordo com Connell (2005), a masculinidade hegemônica é um preceito que atinge todos os seres humanos na arena reprodutiva, um ideal que mantém um certo de tipo homem no topo da estrutura

¹ Trabalho apresentado no GT2 – Culturas Populares, identidades e cidadania da **XIX Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2025**, realizada de 08 a 10 de outubro de 2025, na Universidade Federal do Tocantins, Palmas-TO.

de gênero, relegando os demais (sejam corpos masculinos ou femininos) a espaços de silenciamento, menos poder, ou até mesmo violência.

O discurso político iniciado por grupos homossexuais organizados foi difundido pela América Latina, após a influência da organização de grupos semelhantes nos Estados Unidos. A partir dessa organização diversos integrantes da população LGBTQIAPN+ passaram a se orgulhar de suas identidades, reivindicar sua existência, enquanto seres de direito e ocupar espaços que antes eram-lhes proibidos, mesmo existindo pouquíssimas leis que impediam ou proibiam a homossexualidade formalmente.

Este trabalho busca apontar quais foram os principais estereótipos que serviram de base ou refutação para a construção da masculinidade gay da época e como essas imagens-acústicas foram essenciais para que os homossexuais da época se escrevessem na história de fato enquanto tais. Buscamos demonstrar como a identidade homossexual é legitimada pelos próprios protagonistas das lutas travadas em torno de seu direito de viver.

2 METODOLOGIA (métodos e técnicas utilizados)

A metodologia utilizada foi a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2016). Com auxílio do software Atlas.ti foram identificadas as frequências de palavras em uma série de periódicos previamente selecionados, que compuseram o período de 10 anos. Optamos pela seleção dos periódicos de maior circulação em cada um dos países selecionados. Para isso levamos em consideração a quantidade de edições localizadas, assim como a longevidade da publicação. A exceção dessa lógica foi o Brasil, que além de selecionarmos o Lâmpião da Esquina, periódico de maior representatividade nacional, acrescentamos outras publicações de diferentes regiões do país devido à grande quantidade de títulos identificados durante um mesmo período provindo de diferentes partes do país. Com isso, temos a seguinte relação de publicações a serem analisadas:

Tabela 1: Publicações selecionadas para análise de conteúdo

Título	País/Região	Anos
Revista Somos	Argentina – Buenos Aires	1973-1976
Gente Gay	Brasil -Rio de Janeiro (Sudeste)	1976-1978
Jornal do Gay	Brasil – São Paulo (Sudeste)	1978-1980
Lâmpião da Esquina	Brasil – Rio de Janeiro (Sudeste)	1978-1981
Nuevo Ambiente	México – Cidade do México	1979-1981
Revista Rose	Brasil – Paraná (Sul)	1979-1982
Ventana Gay	Colômbia- Bogotá	1980-1982
Gathó	Brasil – Pernambuco (Nordeste)	1980-1981
Manga Preta	Brasil – Brasília (Centro-Oeste)	1981

Todos os conteúdos desses periódicos foram digitados para que se obtivesse a frequência das palavras mais relevantes, relacionadas aos estereótipos de identidade, a fim de serem criadas categorias de análise.

Ao realizar a listagem de palavras por meio do Atlas.ti foram identificados um total de 32.340 diferentes termos, sendo que desses 29.911 foram repetidos menos de dez vezes em toda amostra. 64 Levando em consideração a escolha metodológica da frequência como um indicador de relevância dentro do conteúdo selecionado, foram identificadas nas palavras que tiveram ao menos 50 repetições, 36 que representam estereótipos identitários, que foram agrupadas em sete categorias: homossexual, mulheres, homens, gay, lesbianas, bicha e travesti.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da pesquisa está relacionado a literatura que aborda os movimentos homossexuais da época, assim como do conceito de masculinidades descrito por Connell em seu livro “Masculinities”, obra de referência sobre as diferentes formas de organização social que moldam a estrutura de gênero em torno de um ideal masculino hegemônico.

De acordo com Connell (1987; 2005; 2015), o gênero é construído e corporificado em nosso dia a dia, desde os primeiros momentos de nossa vida, marcando-a até o final de nossa existência. Trata-se de uma estrutura social intrínseca à nossa experiência, tão elementar que por vezes acaba não sendo questionada. A autora dará o nome para esse espaço de construção, luta e troca de “arena reprodutiva”, espaço no qual o gênero se faz e se nutre das experiências existentes. Neste ponto vale ressaltar que há ao mesmo tempo um processo de (re)criação daquilo que experienciamos e vivemos enquanto gênero.

É no dia a dia que podemos ao mesmo tempo inovar aquilo que é um homem, ou reforçar a concepção que já existe do que é ser um homem. É este espaço cotidiano que é lido como arena reprodutiva, nas ações dos indivíduos que lutam pela hegemonia daquilo que é significado como sendo válido e pertencente a certo gênero ou não. Não por acaso, há no movimento LGBTQIAPN+ a inclusão sempre de novas expressões de gênero e sexualidade, já que este espaço está em disputa e reconhecer uma nova identidade é trazer transformações dentro desta lógica da (re)produção de gênero.

Podemos ler cada inclusão de uma letra na sigla como um desdobramento social da arena reprodutiva. O que torna uma mulher, mulher? O que faz do homem, um homem? Biologicamente, o pensamento clássico aponta as diferenças básicas no sistema reprodutor de pessoas XX e XY como o elemento diferenciador, porém, essa explicação acaba sendo muito superficial inclusive para própria

biologia, já que o sexo não se exprime apenas em cromossomos, mas também em características anatômicas, hormonais, psíquicas. Assim como a pele, o sexo perpassa o corpo, em cada ponto ganhando uma tonalidade, uma forma, uma particularidade. Sexo não é sinônimo de genitália.

Apesar de não citar o gênero em sua obra, o primeiro autor que tratou a questão da sexualidade enquanto um normatizador foi Michel Foucault, em sua obra “História da Sexualidade”, particularmente em seu primeiro volume, “A vontade de saber”. Nesta obra, Foucault (2006) demonstra como a sexualidade foi um dispositivo discursivo criado para o controle do sexo e das práticas sexuais. Por meio do conhecimento realizado principalmente em espaços médicos, foram estabelecidas diversas categorizações e normatizações para a compreensão do que seria o correto e o patológico dentro do aspecto sexual. O autor defende ainda, ao invés da tese então vigente de que houve um silenciamento e envergonhamento sobre o tema da sexualidade, nunca se produziu tanto sobre o sexo durante os séculos XIX e início do século XX.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Quatro estereótipos chamam a atenção pelo quesito de frequência, o primeiro deles é o estereótipo do homossexual que foi o mais frequente em todo o conteúdo, com um total de 1218 menções, seguido das mulheres (863), homens (475) e gay (447). Essa composição oferece uma denotação inicial de que ao exporem seus argumentos, existe uma necessidade de diferenciação expressiva entre ao menos os três primeiros estereótipos.

Os demais estereótipos apresentam uma frequência marginal se comparado aos mais citados já que todos possuem entre 161 e 104 repetições, são eles: bicha (161 aparições), travesti (127), lesbianas (104). Saltam aos olhos e se faz necessária a identificação da qualidade de cada uma dessas identidades, pois, mesmo estando delimitadas podem oferecer semelhanças ou afastamentos não evidentes em um primeiro nível de observação.

Com isso, foi realizada uma nova leitura flutuante dos conteúdos (BARDIN, 2006) e verificadas algumas particularidades em cada estereótipo. A observação que mais nos chamou atenção foi o uso como sinônimos das palavras homossexual e gay. Isso porque, houve no princípio dos escritos, na protoimprensa gay latino-americana, discussões sobre os papéis sexuais e suas derivações. A “bicha” bastante diferente do “entendido” que por sua vez também era distinto do “bofe”. Aqui vemos uma homogeneização dos termos homossexual e gay, além de serem apresentados como sinônimos aparecem em muitos títulos de matérias e nos próprios nomes dos veículos e organizações, exemplos: Ventana Gay, Frente de Liberación Homossexual, Grupo Gay Bahia, entre outros.

Outro ponto observado é a utilização da palavra homossexual para ambos os sexos, há uma evidência e em alguns textos a marcação da palavra lésbica, porém, é notável que se trata de um

processo de distinção incipiente nessas publicações. Por conta justamente dos jornais se apresentarem como gays e homossexuais e terem em suas majorias homens brancos produzindo seus conteúdos. Quando os questionamentos das mulheres surgem, elas passam a se organizar em grupos próprios e produzir seus próprios veículos de comunicação, no Brasil, temos o exemplo do jornal ChanacomChana, dos coletivos Lesbico-Feminista (LF) e Ação Lésbica Feminista (GALF).

Outro elemento percebido em todos os estereótipos é a repetição das palavras em um mesmo contexto. No mesmo parágrafo, não é incomum encontrarmos a menção a homossexuais, homens, mulheres e lésbicas em sequência numa mesma sentença. Na maioria das vezes nas quais houve essa construção se tratava em ligar todas as figuras em torno da luta pelos direitos a favor das minorias, sempre evidenciando os homossexuais masculinos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, podemos compreender que os estereótipos: homossexual, mulheres, homens, gay, lesbianas, bicha e travesti, foram fundamentais para a construção de uma masculinidade gay na época, que se apoiava na figura da mulher enquanto uma aliada de suas causas, ao mesmo tempo em que, refutava a figura do homem como seu algoz e autor das principais formas de violência aos grupos homossexuais.

Também é possível destacar a homogeneização dos termos homossexual e gay, que na década de 1970 foram elementos fundamentais de discussão para a criação de outras imagens e figuras como a do “entendido”.

Para projetos futuros esperamos ampliar o número de periódicos analisados, assim como a periodicidade e os estereótipos estudados a fim de compreender as nuances da criação desta identidade política homossexual, essencial para a formação e compreensão dos movimentos sociais e da vida contemporânea.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CONNELL, Raewyn. **Gender & Power**. Cambridge: Polity Press, 1987.

CONNELL, Raewyn. **Masculinities** 2 ed. Berkeley: University of California Pres, 2005.

CONNELL, Raewyn. **Gênero em termos reais**. São Paulo: nVersos, 2016.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero uma perspectiva global: compreendendo o gênero - da esfera pessoal à política - no mundo contemporâneo**. São Paulo: nVersos, 2015.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. 17 ed. São Paulo: Graal. 2006.

SILVA JR., Carlos Humberto Ferreira. Imprensa Gay Latino-Americana: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980. [Tese de Doutorado] Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, São Paulo, 2023. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/items/aeb23b28-3c32-4baf-a40b-2581d9d50444> >. Acesso em: 02 ago 2025.